



Negociadores de Kiev e Moscou voltam a se reunir, nesta semana, em Istambul, em busca de uma solução para o conflito. Líder ucraniano diz à imprensa russa — sob ameaça de punição — que o não alinhamento do país deve ser aceito

Zelensky admite Ucrânia neutra

Rússia e Ucrânia concordaram em promover, amanhã e quarta-feira, mais uma rodada de negociação com delegações de alto nível dos dois países. A reunião presencial, marcada para Istambul, na Turquia, foi anunciada pelo presidente turco, Recep Erdogan, após conversar por telefone, ontem, com o presidente russo, Vladimir Putin. O gabinete do governo turco informou que “o presidente Erdogan enfatizou a necessidade de alcançar a trégua e a paz entre Rússia e Ucrânia o mais rápido possível e de melhorar a situação humanitária na região. Acrescentou que a Turquia continuará a dar sua contribuição para esse processo”.

Erdogan informou, inclusive, que quatro dos seis pontos principais da agenda de negociações já estavam acordados entre Rússia e Ucrânia. Mas o chefe da diplomacia ucraniana, Dmytro Kuleba, não confirmou a informação. Disse que “o processo de negociação é muito difícil” e que “não há consenso com a Rússia sobre os quatro pontos mencionados pelo presidente da Turquia”. Kuleba, porém, elogiou os “esforços diplomáticos” de Ancara para pôr fim à guerra.

A retomada das negociações presenciais foi parcialmente confirmada pelo governo ucraniano. David Arakhamia, um dos negociadores do país invadido, publicou em sua página no Facebook que o encontro começaria ainda hoje, e não amanhã. “Durante as discussões, hoje (ontem), por videoconferência, ficou decidido promover, na Turquia, uma próxima rodada presencial entre os dias 28 e 30 de março.”

Será a segunda reunião desse nível sediada na Turquia. A primeira foi no dia 10 de março, na

AFP



Moradores de Mykolaiv, cidade que está no caminho das tropas russas, compram as poucas frutas que ainda restam na feira

cidade de Antalya, com a presença dos ministros de Relações Exteriores dos dois países.

Censura

Em entrevista à imprensa russa, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, revelou que a questão da neutralidade da Ucrânia está sendo “estudada a fundo”.

A não adesão da Ucrânia à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) é uma das exigências de Putin para negociar uma saída para a guerra. Uma das cláusulas das negociações é a de “garantias de segurança e neutralidade, o status livre de armas nucleares de nosso Estado”, disse na entrevista on-line, transmitida pelo canal do Telegram da administração

presidencial ucraniana. “Estamos dispostos a aceitá-lo”, continuou. “Mas não quero que seja mais um documento no estilo do Memorando de Budapeste”, ressaltou Zelensky, referindo-se aos acordos assinados pela Rússia em 1994 que garantiam a integridade e a segurança de três ex-repúblicas soviéticas, incluindo a Ucrânia, em troca da desistência

de armazenar as armas nucleares herdadas da extinta União Soviética (URSS). O Roskomnadzor — órgão regulador de telecomunicações e da mídia Rússia — alertou os veículos de imprensa do país a não publicar a entrevista de Zelensky. “Uma verificação foi lançada em relação aos meios de comunicação de massa, que conduziram

essa entrevista, para determinar o grau de responsabilidade e tomar medidas”, ameaçou o regulador. Uma lei aprovada neste mês pela Duma (parlamento russo) prevê pena de até 15 anos de prisão para jornalistas que divulgarem informações consideradas falsas pelo governo russo. Os meios de comunicação locais estão proibidos, inclusive, de se referir à invasão da Ucrânia como “guerra”.

Outras rodadas de negociação, presenciais e virtuais, já foram realizadas, com pouco sucesso. Mas a expectativa de avanço nas negociações por um cessar-fogo ajudou a aliviar a tensão diplomática após o presidente dos Estados Unidos elevar o tom das acusações a Vladimir Putin. Joe Biden, em viagem à Polônia, disse, no sábado, que Putin não pode permanecer no poder, e chamou o líder russo de “carniceiro” por patrocinar severos ataques à população civil da Ucrânia.

Embora a Casa Branca tenha, imediatamente, tentado suavizar as palavras de Biden, esclarecendo que Washington não busca uma mudança de regime, o Kremlin reagiu duramente. Segundo seu porta-voz, Dmitri Peskov, os ataques pessoais estão “reduzindo a janela de oportunidade” para as relações bilaterais.

As rodadas de esforços diplomáticos e as sanções esmagadoras impostas pelos aliados ocidentais foram insuficientes, até agora, para conseguir fazer Putin parar sua guerra, à qual o papa Francisco se referiu como “cruel e sem sentido”. O presidente francês, Emmanuel Macron, se posicionou contra uma “escalada de palavras ou de ações” na Ucrânia, uma abordagem que, para ele, pode dificultar o fim da guerra.

Mariupol tem 170 mil civis cercados

O Exército russo, que estaria, segundo analistas ocidentais, atolado em problemas táticos, de comunicação e logísticos, sugeriu, na última sexta-feira, que concentraria ações na região leste da Ucrânia, a partir de agora. O chefe da Inteligência ucraniana, Kyrylo Budanov, acredita que Putin possa estar considerando um cenário “coreano” para o conflito, buscando “impor uma linha de separação entre as regiões ocupadas e as não ocupadas do nosso país”.

“Depois de não conseguir capturar Kiev e derrubar o governo da Ucrânia, Putin está mudando suas principais diretrizes operacionais”, escreveu Budanov no Facebook, referindo-se a “uma tentativa de estabelecer (um modelo como) uma Coreia do Sul e uma Coreia do Norte na Ucrânia”. Hoje, Moscou mantém o controle, de fato, das autoproclamadas

repúblicas de Donetsk e Lugansk, na região do Donbass.

Ontem, o líder separatista da região de Lugansk disse que poderá organizar um referendo para decidir se o território passará a fazer parte da Rússia. A proposta foi imediatamente criticada por Kiev como uma tentativa, por parte de Moscou, de minar a soberania e a integridade territorial do país.

Enquanto isso, as tropas russas continuam a bombardear a cidade portuária de Mariupol. Controlá-la permitiria a Moscou conectar suas forças na península ocupada da Crimeia com as tropas separatistas pró-Rússia no leste da Ucrânia.

Ontem, novos corredores humanitários foram abertos para permitir a retirada de civis dessa estratégica porto às margens do Mar de Azov, onde mais de 2 mil civis já morreram, segundo a prefeitura. Mas as tentativas

AFP



Soldado ucraniano fotografa destroços russos em Trostyanets

de estabelecer rotas seguras para a fuga de cerca de 170 mil pessoas ainda presas na cidade de conflito se acusam mutuamente de violar tentativas cessar-fogo temporário.

Os ataques à população e à infraestrutura civis, como hospitais, prédios residenciais e escolas, aumentaram. Em Kharkiv, onde as autoridades locais registraram 44 ataques de artilharia e 140 bombardeios com foguetes

em um único dia, os moradores pareciam resignados com os bombardeios. Nas últimas 24 horas, os ataques também continuaram em Irpin e em outras cidades ao redor de Kiev, disseram autoridades ucranianas.

Na cidade de Mykolaiv, no sul, que esteve sob fortes bombardeios russos por semanas, os ataques pareciam estar diminuindo, e as linhas de frente, recuando, com uma contraofensiva montada em Kherson, cerca de 80km a sudeste. “As forças aliadas repeliram sete ataques” e destruíram oito tanques nas áreas de Donetsk e Lugansk, em Donbass, informou o Estado-Maior ucraniano, em sua última atualização no domingo.

As tropas russas, porém, assumiram o controle de Slavútych, no Norte da Ucrânia, onde residem os funcionários da central nuclear de Chernobyl. Segundo autoridades regionais, o prefeito foi preso temporariamente. Já o Ministério da Defesa da Ucrânia disse que suas forças recuperaram Trostyanets. A cidade, perto da fronteira com a Rússia, foi uma das primeiras a cair sob o controle de Moscou.